

## **A Banda de Música na “Suíça brasileira”: identidade e pertencimento**

**Daniel Daumas Borges<sup>1</sup>**

UNIRIO/PPGM – MESTRADO EM MÚSICA – MUSICOLOGIA  
SIMPOM: *Etnomusicologia/Música Popular*  
danieldaumas@ibest.com.br

**Resumo:** O presente trabalho visa apresentar os resultados iniciais oriundos de nossa pesquisa no mestrado; a pesquisa se localiza no município de Nova Friburgo, cidade da região serrana do estado do Rio de Janeiro, que conta com duas bandas centenárias. A história do município se confunde com a história dessas bandas, de modo que relações sociais, políticas e ideológicas se misturam e se confundem ao longo do tempo. A Sociedade Musical Beneficente Euterpe Friburguense, fundada em 26 de fevereiro de 1863, manteve desde sua fundação até pelo menos fins do Estado Novo uma estreita relação com as elites locais, seja com os monarquistas durante o Império, seja com a elite econômica na República. A Sociedade Musical Beneficente Campesina Friburguense, fundada em 6 de janeiro de 1870, surge como uma dissidência da Euterpe, destinada a tocar durante os comícios republicanos que ocorriam no município, tendo por isso o lema até hoje exaltado em sua sede de ser “uma instituição de confissão republicana”. Esta dicotomia entre as bandas demarcara seus campos de atuação de maneira que, ao se estabelecer o processo de industrialização no município em 1911, as camadas operárias e subalternas acabam por se identificar e ter como ponto de encontro e de sociabilidade a Campesina, enquanto que as elites encontram-se na Euterpe. Uma figura chega à cidade convidada a assumir a regência da Campesina em 1925 e marca definitivamente o posicionamento ideológico de tal banda: Joaquim Naegele, membro do Partido Comunista e próximo às reivindicações e locais de sociabilidade da classe trabalhadora friburguense; é a partir de Naegele que a Campesina passa a se auto definir enquanto a banda dos excluídos. Levantamos a hipótese de que a presença de Naegele na regência fora fundamental para forjar a identidade da Campesina em relação à sociedade friburguense.

**Palavras-chave:** Nova Friburgo; Identidade; Banda de Música; Campesina Friburguense; Joaquim Naegele.

### **The Music Band in “Brazilian Switzerland”: Identity and Belonging**

**Abstract:** This paper presents the initial results derived from our research in the Masters; research is located in the municipality of Nova Friburgo, a city in the mountainous region of the state of Rio de Janeiro, which has two centennial bands. The history of the city is intertwined with the history of these bands, so that social, political and ideological relations

---

<sup>1</sup> Orientador: Prof. Dr. Pedro de Moura Aragão.

mix and mingle over time. The Sociedade Musical Beneficente Euterpe Friburguense, founded in February 26, 1863, held from its founding until at least the end of the Estado Novo a close relationship with local elites, either with the monarchists during the Empire, either with the economic elite in the Republic. The Sociedade Musical Beneficente Campesina Friburguense, founded in January 6, 1870, appears as an offshoot of Euterpe, intended to play at the republican rallies taking place in the city, and thus the motto to this day in his office exalted to be “an institution with Republican confession”. This dichotomy between bands demarcate their fields so that, when establishing the industrialization process in the municipality in 1911, the working and lower classes end up identifying as a meeting point and sociability Campesina, while are the elite at Euterpe. A figure arrives at the city asked to assume the regency of Campesina in 1925 and definitely marks the ideological positioning of such band: Joaquim Naegele, a member of the Communist Party and close to local demands and sociability of the working class; is from the Naegele presence Campesina shall define themselves as the band of the excluded. We hypothesized that the presence of Naegele out fundamental regency to forge the identity of Campesina in relation to society.

**Keywords:** Nova Friburgo; Identity; Music Band; Campesina Friburguense; Joaquim Naegele.

## Introdução

Nossa pesquisa nasceu do envolvimento direto do pesquisador com as bandas de Nova Friburgo, onde atuara como trompetista, em diferentes períodos. Por vivenciar o dia a dia das bandas nos colocamos a indagação sobre de que modo a identidade das bandas, e por extensão dos músicos que a compõe, foi sendo desenvolvida e quais as implicações deste desenvolvimento nas relações que elas travavam e travam com o entorno social como um todo. O primeiro ponto a se analisar era a formação dessas bandas. A atuação do maestro Joaquim Naegele a frente da Campesina nos pareceu um exemplo singular neste processo de consolidação da identidade de uma banda, frente à realidade sociopolítica e econômica local e mesmo nacional, o que nos levou a focalizar a pesquisa nos anos de atuação de Naegele, entre 1925 a 1945 e depois no retorno para os preparativos do centenário da Campesina, ocorrido em 1970. O presente artigo focaliza o período de fundação das bandas, as sociabilidades nas quais eram encontradas as bandas de música em fins do século XIX, assim como as inclinações ideológicas que as circundaram e incentivaram.

Nova Friburgo é uma cidade localizada na região serrana do Estado do Rio de Janeiro, de clima ameno e com uma rica história. Instituída por decreto real de Dom João VI em 1818, a cidade traz ainda hoje os brios de ser uma cidade diferenciada em relação a grande maioria dos municípios brasileiros; como o decreto instaurava o assentamento de uma colônia de suíços essa relação nos primórdios de formação com a nação Suíça servira para a posterior criação do que o historiador João Raimundo de Araújo denominou como “mito da Suíça Brasileira”.

O uso do termo “mito” se justifica por alguns elementos discutidos por Araújo (2003); o primeiro deles diz respeito ao fato de que, quando do início da propagação dessa visão acerca da cidade, como a “Suíça Brasileira”, os componentes suíços na sociedade friburguense eram irrelevantes, em grande parte porque ao chegarem à vila, em 1820, boa parte das famílias suíças não encontraram terras propícias, o que os fizeram abandonar a região e se espalhar por outras áreas do Estado do Rio; a existência prévia de residentes portugueses, negros e brasileiros, antes da chegada dos suíços, também explica em alguma medida a adoção dessa visão da cidade como uma cidade suíça ser algo mais mitológico do que próximo da realidade. Uma exceção fica a cargo da família Salusse que, como nos relata Corrêa (2008), obtivera sucesso no ramo hoteleiro e em fins do século XIX circulava nos altos círculos do poder municipal, entre alianças políticas e casamentos entre seus membros.

As duas bandas centenárias existentes no município, ainda que fundadas décadas antes do período de formulação de tal mito – as três primeiras do século XX –, desempenharam importante papel na consolidação de tal visão, por um lado, e de local de sociabilidade e pertencimento por parte da classe trabalhadora por outro. Já nos idos de sua fundação, divergências ideológicas separaram os monarquistas da Euterpe dos adeptos republicanos que fundaram a Campesina.

No atual estágio da pesquisa nos foi fundamental estabelecer o desenvolvimento histórico das bandas na sociedade friburguense, de modo que seus usos e atribuições, ainda em fins do século XIX, nos servissem como parâmetro para a posterior ambientação na qual a figura de Joaquim Naegele viria a se consolidar. Para isso, servimo-nos de fontes primárias de época, assim como de bibliografia específica sobre Friburgo, produzida pela Academia, nos departamentos de História. De que modos eram utilizadas as bandas em fins do século XIX e como tais usos influenciaram a Campesina até a chegada de Naegele? Até que ponto a afirmação de posicionamento ideológico por parte da Campesina, sob a batuta de Naegele, ao lado da classe operária friburguense pode ser creditada aos seus ideais republicanos de origem? Tal posicionamento e mesmo a chegada de Naegele seriam possíveis sem esses ideais republicanos que impulsionaram a fundação da Campesina?

As respostas a estas perguntas nos serviram como meta nesta primeira etapa da pesquisa, cujo objetivo final é compreender o papel desempenhado por uma banda de música no desenrolar de processos de construção de identidade, focalizando especificamente a atuação do maestro Joaquim Naegele neste contexto. Vislumbrar a atuação da banda de música para além de seu claro papel no processo de educação musical e formação de músicos

de sopro nos parece fundamental no presente momento da produção acadêmica em Música, abordagem que esperamos, com o presente trabalho, incentivar.

A metodologia utilizada nessa pesquisa visou aliar a compreensão de que “os atuais estilos de descrição cultural são historicamente limitados e estão vivendo importantes metamorfoses” (CLIFFORD, 2002, p. 21) a uma visão das fontes como arquivos passíveis de utilização na prática etnográfica. O trabalho com arquivos – compreendidos neste termo periódicos, fotografias, documentos etc. – pode representar um tipo de retorno a uma prática já ultrapassada, a do antropólogo de gabinete, ou uma atuação no limiar entre o trabalho antropológico e o do historiador, no entanto, Cunha (2004) nos fornece importante reflexão sobre o papel do arquivo. Um modo de ultrapassar essa visão e conceber o arquivo como fonte para o trabalho antropológico é atentar para o fato de que, para além da leitura e interpretação do documento em si, interessa “o fato de os arquivos terem sido constituídos, alimentados e mantidos por pessoas, grupos sociais e instituições” (CUNHA, 2004, p. 293).

### **Da “*Belle Époque*” friburguense até a chegada de Naegele**

Para compreendermos a atuação das bandas é necessário voltarmos algumas décadas no tempo em relação ao período do processo de industrialização no município iniciado em 1911 para estabelecer os usos e locais onde se poderiam encontrar as bandas na belle époque friburguense. Corrêa (2008) fornece valiosas informações sobre o período, utilizando como fonte primordial os periódicos “O Friburguense”, “A Sentinella”, “A Paz” e “A Lanterna”; a existência de muitos periódicos era uma característica do período, ainda que boa parte do acervo não tenha sido preservada.

Nova Friburgo se tornara em fins do século XIX a segunda opção para as elites cariocas durante o verão, ficando atrás somente de Petrópolis. Este afluxo de turistas, que ficavam durante quase seis meses, modificara a estrutura e as características do município, inclusive em relação ao comportamento que as elites locais adotavam. De todo modo, “a elite friburguense tinha o hábito de viajar para a Europa [...] [e] compartilhando a sociabilidade mundana da elite carioca, os friburguenses conheceram melhor as etiquetas sociais” (CORRÊA, 2008, p. 347). Este contato da elite friburguense com a Europa fica evidente nos termos e estrangeirismos que se encontravam corriqueiramente nos periódicos, tendo inclusive artigos inteiros escritos em francês, além das reuniões e bailes organizados pelos membros da elite, chamadas de soirées.

Nestas soirées “as senhoras amadoras [...] executavam peças musicais ao piano e ao violino, mas era de bom-tom também contratar músicos profissionais” (CORRÊA, 2008, p. 353). Mas em que local eles poderiam encontrar esses músicos? Numa edição de “O Friburguense” de 02/07/1893 o balancete de gastos de um dos saraus foi publicado; nele encontramos a informação de que foram gastos – num sarau para duzentos convidados – 500 mil réis com o salão e o bufê e 100 mil réis com a Sociedade Musical Campesina. A partir desta informação podemos perceber, por um lado de que maneira essa elite conseguia organizar seus eventos com música, e por outro de quais modos às bandas conseguiam financiar sua própria existência, no que tange a manutenção da sede, aquisição e manutenção de instrumentos etc., porque neste período os músicos que integravam as bandas em Friburgo não poderiam ser classificados como músicos profissionais nos mesmos termos que utilizamos atualmente.

Corrêa (2008) identificara a presença, segundo as palavras dos articulistas de então, de “vagabundos”, ex-escravos e migrantes de outras regiões do país, cuja existência incomodava as elites políticas e econômicas do município, o que fica evidente nos discursos dos articulistas dos periódicos que demandavam uma posição por parte do poder público, em relação à “baderna” e constrangimento que tais elementos geravam. A aceitação de tais indivíduos por parte da elite se dava na medida em que os mesmos conseguiam, de algum modo, se adequar aos padrões culturais e de comportamento aceitáveis pela elite. Um local onde esses indivíduos excluídos em outros campos poderiam adentrar e a partir daí se inserir dentro do quadro cultural apreciado no município era a Campesina, que por seu ideal de igualdade republicana, congregava entre seus membros pessoas advindas de classes menos abastadas.

Desse contato empreendido entre as elites friburguenses e os músicos oriundos das classes populares vemos que “nessas soirées, em que se exibiam poder e distinção social, elegantes moças e rapazes doudejavam ao som de valsas e quadrilhas americanas e francesas, executadas pela banda Campesina” (CORRÊA, 2008, p. 354). Enquanto os membros da elite aproveitavam tais eventos para ostentar sua riqueza, além do evidente caráter de entretenimento, para os músicos da Campesina era a oportunidade de demonstrarem suas habilidades em relação ao domínio do repertório apreciado e julgado adequado por este público da elite local. Além deste exemplo, encontramos outro acerca do tipo de repertório apreciado pelas elites, já que “era comum o concerto nas matinês, realizadas aos domingos, [...] com a audição de seletos programas [...] [no qual] tocavam romanzas de Aida, Gioconda e canções de Rigoletto” (CORRÊA, 2008, p. 357). Esta valorização de um repertório

nitidamente centrado na música erudita europeia é compreensível quando analisamos todo o entorno cultural que vivenciava o município, com a elite local investindo num modo de vida o mais europeu possível, inclusive com a utilização da língua francesa em seus momentos de sociabilidade, menus que eram servidos em seus eventos e diversos artigos em seus periódicos, comportamentos que eram valorizados também pelos turistas cariocas que, durante sua estadia, aproveitavam este “clima europeu”, atmosférico e cultural.

Esta característica de se incluir vários números de trechos de ópera – em sua esmagadora maioria italianas, ou com uma estética próxima, como as de Carlos Gomes – que já se faz presente em fins do século XIX, vai se prolongar até pelo menos a primeira metade do século XX. Realizando um levantamento acerca do repertório que era executado pela Euterpe, Botelho (2006) concluiu a partir de alguns programas encontrados nos arquivos da banda, assim como em diversos periódicos, o fato da maciça presença de trechos de ópera, com enorme destaque para obras de Verdi e de Carlos Gomes, principalmente nos programas até a década de 1950. A partir dos anos 1950 este repertório vai caindo em desuso, sendo substituído, sobretudo por músicas advindas da música popular e de rádio, músicas essas que eram adaptadas e arranjadas pelos próprios maestros das bandas, pratica muito comum dentro do universo das bandas.

Mas nem só de atividades ligadas à música viviam as sociedades musicais em Nova Friburgo. Botelho (2006) encontrara, entre as correspondências arquivadas na Euterpe, inúmeras referências a cursos livres de dramaturgia oferecidos na sede da banda; outras atividades artísticas, como aulas de dança no salão social da banda, também faziam parte do grupo de atividades realizadas na banda ao longo de sua história, para além das atividades ligadas a execução musical. Também na Campesina existia esta preocupação em relação ao fomento das artes dramáticas, como atesta Corrêa (2008), tendo sido inclusive por iniciativa da Campesina a construção de um teatro em Friburgo, local em que a Campesina planejava realizar aulas de artes dramáticas aos seus membros. Dificuldades financeiras levaram a banda a vender o prédio já em obras a um rico fazendeiro de um município vizinho, mantendo, no entanto, uma cláusula no contrato de venda que impedia o uso do imóvel para outros fins que não o das artes dramáticas, o que, no fim das contas, fez valer os objetivos iniciais que a banda alimentara com o projeto, a saber, o de dotar a cidade de um teatro.

Emrich (2007), pesquisando acerca dos pontos de sociabilidade nos quais se realizavam os encontros da classe trabalhadora friburguense em formação, destaca a criação do clube de futebol Esperança, por parte da classe operária e de outros profissionais

subalternos, como ponto central dos encontros da classe popular. A relação entre a banda Campesina e este clube de futebol ligado aos operários fica clara já nos festejos de aniversário do clube, em 1915, pois o local escolhido para a comemoração seria justamente a sede da Campesina; “o 1º team veio então até a sede da Sociedade Musical Campesina [...] onde foi lido pelo sr. Hermanno Bastos um belo discurso [...] cuja leitura foi terminada [...] ao som de um dobrado executado pela Campesina” (EMRICH, 2007, p. 99).

A proximidade entre a Campesina e as camadas populares pode ser ainda mais ressaltada ao analisarmos as relações de então que sua coirmã e rival Euterpe travava. Assim como a classe operária tinha o Clube de Futebol Esperança como um local de encontro e sociabilidade, a elite econômica ligada as fábricas – criadas por iniciativa de capitalistas alemães que iniciaram as primeiras em 1911 – também possuíam o seu clube, o Friburgo Foot-Ball Club. Integrado pelos diretores, proprietários e filhos destes, em sua esmagadora maioria de origem alemã, as partidas disputadas por este clube tinham também seus eventos sociais para além da prática futebolística, pois, depois do término de uma partida em que se saíra vencedor contra uma equipe visitante, “como era de costume, houve uma grande festa após a partida, contando com a participação da Banda de Música Euterpe” (EMRICH, 2007, p. 95). Ou seja, num evento ligado à elite friburguense a convidada a se apresentar é a Euterpe, enquanto que nos festejos ligados a classe operária é a Campesina a banda envolvida nas festividades. Tais fatos não devem ser encarados de modo tão simplista, como Campesina-popular versus Euterpe-elitista, no entanto, nos servem como um indicativo precioso acerca da dinâmica social que cercava as bandas neste conturbado período de consolidação da industrialização friburguense e definição e disseminação do mito.

Em 1925, uma importante figura se muda para Nova Friburgo, convidada a assumir a regência da Campesina Friburguense; tal figura é Joaquim Antônio Langsdorff Naegele, nascido em 2 de junho de 1899 em Euclidelândia, distrito de Cantagalo, município próximo a Nova Friburgo. O maestro Joaquim Naegele teve destacada atuação na sociedade friburguense, sendo figura marcante em muitos campos além do musical na regência da Campesina e composição de obras voltadas para banda, como podemos atestar na edição de 05 de agosto de 1945 de “A Voz da Serra” onde é tido como “o conhecido desportista”, em matéria acerca de uma viagem da delegação de basquete de Friburgo para a disputa do Nono Campeonato Fluminense, delegação chefiada por Naegele. Militante do Partido Comunista em Nova Friburgo, Naegele teria papel central na afirmação da imagem da Campesina ligada às camadas excluídas socialmente, trazendo à banda um recorte ideológico ainda mais claro do que o vivenciado pela Campesina desde sua fundação.

Mantendo o posto de regente da Campesina pelos próximos 20 anos, Naegele vivenciara todas as mudanças ocorridas ao longo deste período, desde as locais, como a grande greve geral das fábricas em Nova Friburgo, em 1933, relatado por Emrich (2007), até as a nível nacional, com as perseguições instauradas por Vargas durante o Estado Novo, que o levariam a compor, preso no DOPS em Niterói por conta de seu envolvimento político com o Partido Comunista, a peça “Voz do cárcere”, como atesta Costa (1997), obra até hoje executada pela Campesina e por diversas outras bandas Brasil a fora.

O papel desempenhado pelas manifestações e instituições ligadas a cultura na constituição e consolidação da identidade em Nova Friburgo vem sendo pesquisado sob diversos aspectos, como o relatado por Wolff (2013). O papel das bandas de música neste contexto, e em particular o da Campesina de Naegele, deve ser pormenorizadamente analisado, de modo a se poder construir uma melhor compreensão acerca das contribuições e intersecções entre a banda e a sociedade nesta “Suíça Brasileira”.

### **Conclusões iniciais**

Imaginar a realização de um evento social sem a presença de uma banda de música na Friburgo de fins do século XIX parece ser muito improvável. Tal fato por si só já nos fornece interessante material para análise, qual seja, em que medida se travava as relações entre a elite local de então com os músicos advindos das classes populares que integravam as bandas. Ser um membro do corpo prestante da Campesina, por exemplo, poderia ser o único meio pelo qual determinado indivíduo poderia adentrar nos salões onde ocorriam os eventos da elite municipal. Para além do ganho de uma habilidade na execução de um instrumento musical e da interação entre os membros da banda, havia também envolvido um ganho social em fazer parte de uma banda de música.

As bandas possuíam relevância social, como se atesta na constante incidência de referências a elas nos periódicos. Mesmo não sendo o assunto principal de uma notícia, lá estão elas demarcando sua presença na sociedade friburguense. Dotando seus membros de uma familiaridade com o repertório da música erudita adaptado para banda, tornava possível a aproximação de operários das fábricas a bens de consumo culturais típicos da elite municipal, tornando-se para estes operários o elo entre seu cotidiano calcado na cultura popular e a “alta cultura” na “Suíça brasileira”.

A chegada de Naegele à Campesina e seu posterior engajamento com a classe trabalhadora friburguense não significa uma mudança de rota nos rumos da banda, mas sim



um aprofundamento e uma mais clara definição dessa relação de pertencimento já existente entre elas, classes populares e Campesina, já que o aniversário do clube de futebol Esperança, comemorado na sede da Campesina, ocorrera 10 anos antes da chegada de Naegele.

Estabelecido o papel e importância das bandas de música no desenvolvimento da sociedade friburguense, é mister a partir daqui investigar os vestígios deixados pela marcante presença de Naegele na vida cultural e social da Campesina e de Nova Friburgo, presença que aliara, em seus longos anos de atuação, a Música com a política, os esportes e o engajamento nas causas sociais de seu tempo.

## Referências

- ARAÚJO, João Raimundo de. *Nova Friburgo: a construção do mito da Suíça brasileira (1910-1960)*. 2003. 295f. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, 2003.
- BOTELHO, Marcos. *A Sociedade Musical Beneficente Euterpe Friburguense – Um estudo histórico-social*. 2006. 100f. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.
- CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Organizado por José Reginaldo Santos Gonçalves. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
- CORRÊA, Maria Janaína Botelho. *O Cotidiano de Nova Friburgo no Final do Século XIX: Práticas e Representação Social*. Rio de Janeiro: Educam, 2008.
- COSTA, Ricardo da Gama Rosa. *Visões do paraíso capitalista: hegemonia e poder simbólico na Nova Friburgo da República*. 1997. 173f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, 1997.
- CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo. *Mana – Estudos de Antropologia Social*. Vol.10, n.2, p.287-322. 2004.
- EMRICH, Victor. *Trabalho, greves e futebol: luta, identidade e sociabilidade na formação da classe trabalhadora friburguense (1911-1933)*. 2007. 140f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói.
- Periódicos: “O Friburguense”; “A voz da serra”. Arquivo da Fundação Dom João VI – Pró-Memória de Nova Friburgo.
- WOLFF, Marcus. Música e identidade na “Suíça brasileira”: mito e verdade na construção das comunidades de Nova Friburgo, RJ. *Música e cultura: revista da ABET*. Vol.8, n.1, p.78-85, 2013.